

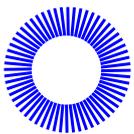
Museu compartilhado.

Rumo a uma museologia intercultural, afetiva e comunitária

**Darío
Aguilera Manzano**

Diretor Museo La Ligua

Chile



Museo La Ligua. Construindo comunidade

O Museo La Ligua é uma instituição cultural e educativa municipal localizada na província de Petorca, região de Valparaíso, Chile. Abriga coleções arqueológicas, históricas, etnográficas e de arte, de grande relevância para a região, que contam a história profunda do território para o qual dirige seu olhar. Desde suas origens (1985), tem desenvolvido um trabalho museológico com um forte conteúdo social, afetivo e comunitário, uma visão que é parte substantiva de seu plano museológico, cuja visão é transformar o museu em um “lugar” de encontro para celebrar a vida; que acolhe; que é diverso e inclusivo; que promove o diálogo e a reflexão crítica a partir de uma perspectiva intercultural e baseada em direitos, e onde a comunidade como um todo, sem distinção de qualquer tipo, é chamada a ser a “protagonista”.



Esse plano, denominado “Museo La Ligua. Construindo comunidade”, reúne uma experiência acumulada de mais de uma década de trabalho sustentado junto às forças vivas de nossa comunidade – gestores culturais, artistas, líderes sociais, professores, estudantes, artistas locais e organizações sociais de base –, expressando seus desejos e demandas para participar ativamente da atividade cultural do território do qual fazemos parte.

Assim, essa forma de “fazer museu” se fundamenta em um paradigma profundamente humano, baseado no afeto, no trabalho colaborativo e na reciprocidade, eixos que contribuem para promover um museu com as pessoas, estabelecendo fortes vínculos com as comunidades. Nos últimos anos, esse trabalho museológico tem permeado todas as áreas da instituição, mesmo aquelas tradicionalmente resistentes a essas novas abordagens, como coleções, exposições e pesquisa.

Para desenvolver essa nova proposta de museu, tanto histórica quanto institucionalmente, contamos com dois grandes aliados: a arte e a educação, que são o eixo transversal de nossas ações. A primeira, proporcionando toda uma estética à nossa epopeia, que se nutre de nossa geografia acidentada de colinas, ravinas e vales, e do legado de nossos povos nativos e latino-americanos. Ela também é responsável por abrir novos horizontes, ainda não definidos. E, em segundo lugar, como um meio de alcançar nossa visão institucional, que é contribuir para o

Fachada do Museo La Ligua 2022.



desenvolvimento humano de indivíduos e comunidades, oferecendo espaços para a convivência e o diálogo, para a reflexão, o pensamento crítico e para celebrar a vida em comunidade.

É por isso que, como museu, decidimos promover fortemente uma museologia em um tom local, bem enraizada em nossa história profunda, que promova as transformações necessárias para avançar em direção a uma instituição educacional, sustentável, inclusiva e intercultural, que respeite o meio ambiente e a diversidade cultural, trabalhando com as comunidades, em busca do “bem viver” de nosso território.

Museus locais, museus sociais

Desde sua gênese, o Museo La Ligua, como instituição, passou por diversas concepções museológicas, entendidas como a busca pela definição do pensamento teórico-prático no qual um museu baseia suas ações; um processo que não foi isento de tensões, devido à sua própria natureza reflexiva. Certamente, a marca da museologia tradicional, também conhecida como museologia histórica, ainda vigente em nosso país, desencadeou uma abordagem genuína dessa busca, especialmente como referência, para propor um novo caminho e colocar os dispositivos de poder dessa corrente museológica a serviço das pessoas, das comunidades e do meio ambiente.

Dessa forma, a história institucional do museu, que nasceu administrativamente como um museu público, sob os auspícios de uma municipalidade, avançou gradualmente para um museu local, com um selo social e uma forte orientação comunitária em seu trabalho.

No entanto, a conceptualização dessa tipologia de museus, presente nos manuais, que anda de mãos dadas com o ICOM (Comitê Internacional de Museus), muitas vezes não responde à realidade ou aos contextos socioculturais em que essas instituições operam, como

no nosso caso. Por esse motivo, é difícil oferecer uma definição concreta que leve em conta todas as dimensões tangíveis e intangíveis desse tipo de instituição. Acredito que é aí que reside seu grande potencial: na flexibilidade, na promoção de um modelo de gestão em escala humana, centrado nas relações afetivas, na abertura para abrigar e salvaguardar a alma e as identidades de suas comunidades, e que é alimentado diariamente pelo trabalho colaborativo e em rede.

É por essas razões que os museus locais ultrapassam as paredes de seus edifícios e orientam sua ação para o território, o meio ambiente e as comunidades que nele vivem. Assim, eles se tornam museus sociais que, além de seus prédios, constroem relações não neutras e trabalham com as pessoas para o bem comum, promovendo sonhos, acesso, participação, emoção, contenção, solidariedade e resistência.

Museu compartilhado: como fazer de um espaço um “lugar” para celebrar a vida em comunidade?

A implementação, há mais de uma década, do plano museológico “Construindo comunidade” nos permitiu encontrar uma base sólida para implantar nosso trabalho museológico nas mais diversas áreas que compõem nossa instituição, proporcionando um desenvolvimento sustentável à nossa ideia de museu e gerando fortes vínculos com as comunidades para as quais direcionamos nosso olhar.

Nos últimos anos, motivados por consolidar o plano, ampliar seu escopo e promover novas conexões, como museu, acrescentamos uma nova estratégia de ação, que chamamos de “Museu compartilhado”. O objetivo dessa linha de trabalho é promover a democratização da gestão dos museus, abrindo espaços para a participação ativa e vinculante da comunidade na vida do museu, modalidade que nos permitiu dar maior dinamismo ao nosso trabalho social e educativo e estreitar ainda mais os vínculos com



as comunidades, fortalecendo assim nossa vocação comunitária (Aguilera *et al.*, 2020).

Essa estratégia é teoricamente sustentada pelos postulados da museologia social, que aprofunda e aborda criticamente a tríade território, patrimônio e comunidade introduzida pela nova museologia, que apela para o estabelecimento de conexões mais diretas, duradouras, horizontais e empáticas, e para assumir um papel mais ativo e político. Ela propõe que os museus sejam lugares de vida (cultural e natural), com um forte interesse em promover e defender valores como dignidade social, direitos humanos, coesão social e respeito às diferenças. Concentra seu trabalho nas necessidades, problemas e desejos da comunidade e se esforça para ser um agente ativo de mudança para a transformação social de territórios que contribuam para o bem-estar das pessoas. Da mesma forma, também possibilita a promoção de ações decoloniais, especialmente nas áreas que têm uma grande dimensão pública nos museus, como suas exposições, desconstruindo e/ou tensionando as narrativas hegemônicas, amplamente naturalizadas pelo poder e pela elite intelectual em nossos países.

Em termos processuais, este modelo de gestão centra-se em três abordagens mutuamente complementares, nomeadamente: inclusiva, intercultural e baseada em direitos.

- Abordagem inclusiva: a ideia central é avançar para derrubar barreiras físicas e mentais, para que todos e todas, sem exclusão, participem ativamente das atividades culturais da *comuna*¹ e do museu, enriquecendo essas práticas com suas próprias leituras, conexões e experiências de vida, construindo assim novos conhecimentos, relacionamentos e saberes para o crescimento pessoal e/ou coletivo.

¹ N. da T.: Divisão administrativa e territorial do Chile que é gerenciada por um/a administrador/a (prefeito/a) eleito/a por voto popular.

- Abordagem intercultural: o objetivo será tornar visível – dando voz – e colocar em diálogo, de forma horizontal e mutuamente respeitosa, os conhecimentos, tanto os provenientes de cultores e pessoas locais quanto os provenientes da academia, para a construção de uma sociedade mais democrática, diversa e tolerante.
- Foco nos direitos: buscamos promover a cultura como um direito humano fundamental, em que devemos não apenas garantir o acesso a ela, mas também fornecer tudo o que for necessário para que as pessoas sejam protagonistas em sua criação, manutenção e valorização. Será dada atenção especial a grupos sociais que historicamente têm sido invisíveis na prática cultural contemporânea, como pessoas com deficiência, povos indígenas, mulheres, crianças e migrantes.

Em termos práticos, essa abordagem “compartilhada” requer não apenas a incorporação da comunidade nas dimensões mais públicas que os museus desenvolvem, como seu trabalho educacional, mas também a criação de condições e cenários favoráveis para abrir espaços para a participação social nas funções mais tradicionais dos museus, como conservação, exposição e pesquisa, a fim de projetar políticas de museus que contribuam para o desenvolvimento sustentável das comunidades e do meio ambiente. E é nesse ponto que estamos atualmente, desenvolvendo iniciativas conjuntas, cocriadas com as comunidades, em áreas como museografia, educação museal e vínculos com a comunidade local.

Realizando sonhos museais

A seguir apresentamos a descrição de uma série de experiências nas quais colocamos em prática a ideia de um “Museu compartilhado”.

O mais relevante por sua projeção e impacto na comunidade está relacionado ao projeto museográfico “Museo La Ligua inclusivo”, que nos permitiu renovar



completamente a exposição permanente, projetada sob os critérios de acessibilidade universal, e cuja narrativa, tratada a partir de uma perspectiva intercultural e decolonial, valorizou memórias invisibilizadas de nossa região, dando voz na exposição a grupos historicamente excluídos dos museus, como crianças, mulheres, a classe trabalhadora e povos indígenas, dando-lhes dignidade e um lugar na história local. As metodologias participativas foram utilizadas tanto nas etapas de concepção do roteiro museográfico quanto em sua implementação no espaço de exposição, enriquecendo a proposta final com as contribuições e os insumos coletados nos encontros de cidadãos. Destacou-se também a participação de artistas e coletivos artísticos locais, que se colocaram à disposição do projeto para criar uma estética que dialogasse com os patrimônios colocados em valor no roteiro museográfico, levando em conta seus aspectos materiais, simbólicos, valorativos e emocionais, de modo a ativar diferentes conexões no visitante.

De tal modo, a nova narrativa concentra sua atenção no patrimônio vivo de nosso território, juntamente com a revitalização de nossa profunda história e diversidade cultural, não a partir da materialidade ou do fetiche do “objeto”, como costumam fazer os museus, mas a partir de uma narrativa que articula memória, patrimônio e povos,

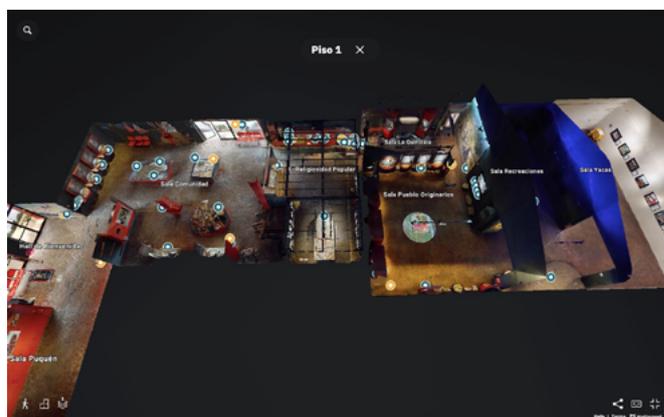
como parte de um passado-presente vivo e próximo, o que tensiona a visão academicista que a ciência nos oferece sobre nossa história, que se configura entre tradição e modernidade e que constitui um pilar fundamental de nossa identidade cultural como comunidade.

Há também uma alusão direta aos problemas socioambientais que afetam a área, especialmente em relação à crise hídrica causada por uma longa seca, o uso irracional e o roubo de água por empresas agrícolas inescrupulosas. Isso fez com que as comunidades, especialmente nas áreas rurais, tivessem acesso muito restrito à água potável.

A ideia subjacente é fazer do museu e de sua exposição um lugar vivo, dialogante, de encontro, provocativo, estimulante, acessível e inclusivo, com a ideia de que todas as pessoas possam fazer conexões com ela, de forma autônoma e livre, com base em suas próprias histórias de vida; uma espécie de curadoria íntima e pessoal, que contribua para enriquecer a experiência museu, para repeti-la novamente ou para compartilhá-la (Aguilera *et al.*, 2021).

Na educação museológica, destacamos o desenvolvimento do programa intercultural “Al encuentro con nuestros antepasados” (Encontrando nossos

Vista aérea da exposição permanente
Museo La Ligua, 2022.



Celebração do Ano Novo Indígena com creches de La Ligua, região de Valparaíso, Chile, 2018.



antepassados), cuja missão é conectar as crianças dos jardins de infância de nossa *comuna* com os patrimônios e a história locais, para a coexistência e o desenvolvimento socioemocional, a partir de uma perspectiva situada, uma iniciativa que recebeu o prêmio OMEP² em 2020. Entre seus objetivos específicos, visa promover nas crianças a valorização e o respeito à diversidade cultural e à não discriminação, além de valorizar os povos originários como um modo de vida sustentável e ecológico.

Isso foi alcançado graças a uma série de oficinas e didáticas específicas, que reúnem a experiência acumulada da área educacional do museu sobre esses temas, conseguindo promover um senso de pertencimento e enraizamento nas crianças, fortalecendo assim as identidades locais, que é dever do museu disseminar. Nessa linha, destacam-se as seguintes oficinas: “Manos al barro” (Mãos no barro), sobre cerâmica pré-hispânica; “Modos de vida” e “Arqueología junto a niñas/os” (Arqueologia com crianças); “Instrumentos prehispánicos” (Instrumentos pré-hispânicos), sobre sonoridades ancestrais, nas quais se dá atenção aos processos de cada atividade, como recurso educacional.

“Arpilleras del Museo La Ligua” (Bordadeiras do Museu La Ligua) é outra experiência que, desde seu início (2016), tem contribuído para impulsionar e postular um museu mais social e comunitário. É um coletivo só de mulheres que realizou um trabalho genuíno, junto com o museu, de trabalho artístico-cultural para o bem comum. Por meio da força expressiva das *arpilleras*³ – arte têxtil, popular, feminina e contestadora, feita com tecidos, fios, lã e bordados – elas começaram a tecer e costurar memórias locais, esquecidas e silenciadas, especialmente histórias de vida de mulheres, como testemunhos de revolta contra a ordem neoliberal e patriarcal da sociedade atual. Isso também permitiu que elas promovessem espaços de contenção e coexistência, relações afetivas que contribuem para o fato de que elas continuem muito atuais nos dias de hoje.

Sua produção artística inclui as exposições *Oficios patrimoniales de mi tierra* (*Ofícios patrimoniais da minha terra*) e *Canto a Violeta Parra* (*Canto para Violeta Parra*) [2017], esta última em homenagem ao centenário de Violeta Parra. Em 2018, elas fizeram um livro em *arpilleras* sobre os *bailes chinos* de Valle Hermoso, uma

² Organização Mundial para a Educação Pré-escolar. www.omepworld.org

³ N. da T.: Arpillera é o nome dado ao tecido rústico e áspero feito de vários tipos de estopa (cânhamo ou juta), que é frequentemente usado como elemento usado para dar cobertura e na fabricação de sacos e embalagens.



expressão de religiosidade popular no Chile que, em 2014, foi declarada Patrimônio Imaterial da Humanidade pela Unesco. *Arpilleras en pandemia (Bordadeiras na pandemia)* [2020] reúne testemunhos de dor e luto, mas também de solidariedade e esperança, nos momentos mais difíceis da pandemia do covid, vividos em seus ambientes familiares. Mas, sem dúvida, sua grande contribuição para nossa comunidade é sua obra *El clamor del agua (O clamor das águas)*, um mural feito em *arpillera* (4,7 x 2,2 m) que é uma denúncia direta da grave crise hídrica que afeta nossa província, e que está exposta no salão principal do museu.

Por fim, destacamos os esforços contínuos que fizemos no último ano, pós-pandemia, para articular novas redes e ampliar a base de ação do “Museu compartilhado”. Mais uma vez, a arte é o facilitador para ativar encontros e diálogos coletivos, e diferentes grupos se juntaram a essa rede afetiva, especialmente de mulheres criativas, como as ceramistas da localidade de Valle Hermoso, bem como coletivos artísticos de gravura e pintura, educadores de jardins de infância, tanto públicos quanto privados, que estão unidos pelo desejo de estabelecer novas conexões de cura com o território, estabelecendo o museu como seu centro de operações e criação.

Conclusões

Na prática, como instituição, o plano “Museu compartilhado” nos permitiu dinamizar e aprofundar o trabalho social e educativo que realizamos cotidianamente em nosso território, permitindo-nos estabelecer fortes vínculos afetivos com pessoas, coletivos e grupos sociais e culturais, que de forma livre e voluntária participam ativamente da vida do museu.

Para manter essa rede afetiva, é fundamental construir diariamente laços de confiança e relações de reciprocidade, promovendo permanentemente espaços de diálogo, num nível horizontal de respeito mútuo, em que todos são chamados a ser protagonistas, além de contar com canais de comunicação transparentes e eficazes.

É uma ótima ferramenta para impulsionar processos decoloniais, oferecendo leituras críticas dos sistemas hegemônicos de valores e crenças historicamente mantidos em espaços de poder, como os museus. Ela dá voz e tratamento digno a grupos historicamente excluídos das narrativas das sociedades contemporâneas, como crianças, mulheres, povos indígenas, a classe trabalhadora, pessoas com deficiência, migrantes, etc.



Arpillera do museu fazendo o mural “El clamor del agua”, novembro de 2018.

Para sua projeção de longo prazo, essa forma de “fazer um museu” precisa permear todas as áreas da instituição, especialmente aquelas que tradicionalmente não participam regularmente da colaboração horizontal, como as áreas de exposição, acervo e pesquisa.

Isso requer uma equipe humana com grande vocação de serviço, com o desenvolvimento de habilidades sociais, como a empatia, e altamente treinada para enfrentar os desafios futuros, pois a relação museu/comunidade não está livre de tensões e dificuldades, pelo contrário, essa é a tendência. É preciso estar disposto a ceder, a negociar, mas sem nunca perder o caminho, que é trabalhar pelo bem comum e pelo meio ambiente, com uma abordagem sustentável.

Por fim, o “Museu compartilhado” é um roteiro, aberto, flexível, alimentado por pessoas e comunidades, que aderem às premissas da museologia social latino-americana, situado em nível local.



Referências

Aguilera, D., Muñoz, C. e Zamora, V. (2020). Museo compartido. Arpilleras de La Ligua. Em Y. Girault e I. Orellana, (coords.), *Actas. Coloquio Internacional de Museología Participativa, Social y Crítica*, pp. 259-269. Santiago: Ediciones Museo de la Educación Gabriela Mistral. <https://www.museodelaeducacion.gob.cl/publicaciones/actas-del-coloquio-internacional-de-museologia-social-participativa-y-critica>

Aguilera, D., Tobar, P., Salinas, J., Fernández, J., Molina, E., Quezada, D., Valdivia, M., Cisternas, B. e Asociación Crea. (2021). Museo La Ligua. Creando entornos inclusivos e interculturales para su exposición permanente. Em *Anais do 6.º Congresso Internacional de Educação e Acessibilidade em Museus e Patrimônio*, São Paulo, pp. 433-449. São Paulo: IEB-USP; Instituto Itaú Cultural; MAM SP. <https://www.ieb.usp.br/6cieamp-es/>